

Vol. 01, **Nº 02** (2024)  
ISSN: 2966-0130

# REVISTA FIOS DE **LETRAS**

NÃO PERDERÁ SEU PREÇO E SUA VALIA

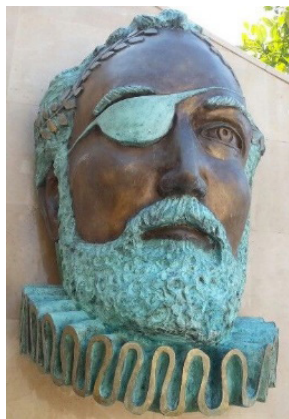
Isabel Ponce de Leão



**NÃO PERDERÁ SEU PREÇO E SUA VALIA'**

2

**IT WILL NOT LOSE ITS PRICE AND ITS VALUE**



Francisco Simões, *Parque dos Poetas*, Oeiras, 2013<sup>2</sup>

Isabel Ponce de Leão<sup>3</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

**RESUMO:** No quingentenário do nascimento de Luís de Camões cabe uma reflexão sobre a forma como a sua produção linguística suscita a interação de outras linguagens que o representam e a passos da sua obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quingentenário. Camões. diálogos. interartes.

**ABSTRACT:** In the quingentenary of Luís de Camões's birth, it is appropriate to reflect on the way in which his linguistic production raises the interaction of other languages, which represent him and at the same time as his work.

**KEYWORDS:** Quingentenary. Camões, dialogues, interarts

O quingentenário do nascimento de Camões convoca uma série de reflexões que concitam todas as artes, um pouco na senda do espírito renascentista que as configura enquanto reações extrínsecas e intrínsecas do ser humano, não ignorando, contudo, fenómenos políticos, sociais, culturais, históricos... locais e mundiais havidos na sua génese. Grande motor do entrecruzamento entre a literatura, as artes e as ciências que, com ele e por ele, continuam a estabelecer um diálogo profícuo, o autor de *Filodemo* atravessa os tempos e desmistifica-se pela força da sua obra.

<sup>1</sup> Luís de Camões, *Os Lusíadas* (V-C).

<sup>2</sup> Créditos fotográficos - Diana Pinheiro. Livre de direitos autorais.

<sup>3</sup> Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal. E-mail: [ivaz@ufp.edu.pt](mailto:ivaz@ufp.edu.pt). ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

---

De facto, o mito camoniano é a realidade, ela própria, alimento de projetos, mais ou menos lendários, sustentados por artistas que experimentam o prestígio de Camões, dentro da tese de que toda arte paga alguma espécie de tributo ao Poeta que, mesmo se não nomeado, é sempre convocado pela celebração dos feitos portugueses e pela qualidade da sua produção.

A realidade que foi a vida e que é a obra de Camões instituíram-se matéria que engrossou o caudal da produção erudita e popular no domínio artístico, dentro e fora do mundo lusófono. O referido caudal dá a noção da cultura estética do século camoniano e converte-se em excelente ponto de partida para futuras investigações. Assim, uma heterodoxa estética de sedução óbvia e legítima as relações entre o grande público e a obra camoniana, alimentando o fogo sagrado de Vesta que o panteão de Atena reivindica.

Muito justamente considerado o grande embaixador literário português, tal como o foram Dante em Itália, Cervantes em Espanha, Shakespeare em Inglaterra ou Goethe na Alemanha, para enumerar só alguns, Luís de Camões, pela envergadura de uma obra ímpar, motivou, como atrás referi, artistas de todas as áreas que o invocaram e representaram, ou a passos da sua produção, nas diferentes linguagens.

Ficando por Portugal, penso na literatura e ocorrem-me nomes como os de Bocage (1756-1805), Almeida Garrett (1799-1854), Gomes Leal (1848-1921), ou, mais recentemente, Miguel Torga (1907-1995), Jorge de Sena (1919-1978), Sophia de Mello Breyner (1919-2004), Manuel Alegre (1936), José Valle de Figueiredo (1942), Frederico Lourenço (1963) e Gonçalo M. Tavares (1970) que usam o discurso linguístico para enaltecer o poeta.

A 7.<sup>a</sup> arte, através de Leitão de Barros (1946), Paulo Rocha (1998) ou Jorge Carmez (2000), em diferentes perspetivas, traz a público a figura do vate quinhentista, por vezes apoucando o pouco que se sabe da sua vida, mas sempre enaltecendo a sua obra.

Amália Rodrigues, pela mão de Alain Oulman, trouxe-o para a música popular (1965) causando um estridente escândalo. Depois dela, José Mário Branco (1971), Zeca Afonso (1974) e Sérgio Godinho (1986) gravaram álbuns com os seus poemas, e hoje ouvem-se textos camonianos nas vozes de Cristina Branco, Marisa, Amélia Muge ou José Cid. Em qualquer noite de fado, seja ele vadio ou mais erudito, ecoam, em vozes anónimas, as palavras de Camões.

É, contudo, nas artes plásticas – desenhos, pinturas, esculturas – que são mais copiosas as referências ao universo camoniano alicerçadas na faceta sinestésica da vida e da obra do poeta que inspiraram e continuam a gerar trabalhos de relevo.

Presumo que não haja nenhuma cidade em Portugal que não tenha uma

escultura de Camões ou alusiva à sua obra. Por agora apenas refiro os, já canónicos, conjuntos escultóricos *Monumento a Camões* (1867) de Victor Bastos em Lisboa, *Monumento a Luís de Camões* (1881), de António Augusto Gonçalves, em Coimbra, ou *Monumento a Luís de Camões* (1980) de Fernando Marques, em Leiria; a originalidade do *Monumento a Camões* (1981), na pequena Vila de Constância, onde Lagoa Henriques o representa jovem e ainda com os dois olhos; ou a interessantíssima *Ilha dos Amores* (2013) no *Parque dos Poetas* em Oeiras da autoria de Francisco Simões configuram uma escassíssima mostra do muito que foi produzido.

Na pintura lembro os já clássicos *Camões e as Tágides* (1894) de Columbano, *Camões lendo Os Lusíadas* (1929) de António Carneiro, *Retrato de Luís de Camões* (1934) de José Malhoa, *Aparição do Adamastor* de Carlos Reis (1941) ou *Retrato de Camões* (1981) de José Guimarães. Olho as Ilustrações de Lima de Freitas, os guaches de Paulo Ferreira e os desenhos de Júlio Gil na edição referenciada na bibliografia infra; depois os azulejos (1983) de Júlio Pomar (Estação de Metro do Alto dos Moinhos em Lisboa), que também elaborou diferentes retratos de Camões (1984); *Camões, Eis o Homem* (2002) de Luís Vieira Baptista, *Lamento da gaivota à mãe de Vasco da Gama* (2005) de Graça Morais e *Luís Vaz de Camões* (2024) de Jorge Curval, através de técnicas e materiais inovadores, demonstram que o século XXI não postergou a figura que aqui se convoca e que, apesar de certas torpitudes e abusivas interpretações, ela continua a inspirar os lusos desígnios apregoando o inevitável nexos de causalidade entre texto e contexto.

Na senda do seu pregão – “quem não sabe arte não na estima” –, e do cruzamento das linguagens plástica e linguística se urdiram uma série de trabalhos que ocuparam um amplo espaço expositivo na *Cooperativa Árvore*, Porto, onde também se realizaram conferências e visitas de estudo.

Deles me ocupo; são catorze no seu conjunto, que, de forma corajosa e competente, associam o labor plástico ao linguístico de Luís de Camões. Interessantemente, ainda que recuando ao século XVI, refletem novas questões e definem horizontes que desafiam o cânone, quer através dos materiais e técnicas usados – óleo sobre tela, serradura, papelão, metal, madeira, acrílico sobre tela, técnica mista sobre tela, gesso, bronze, mármore, material biológico –, quer das formas e da perspetiva crítica em feição de comentário, mas sempre respeitando o Poeta, e chamando assim a atenção para o seu papel na sociedade portuguesa hodierna.

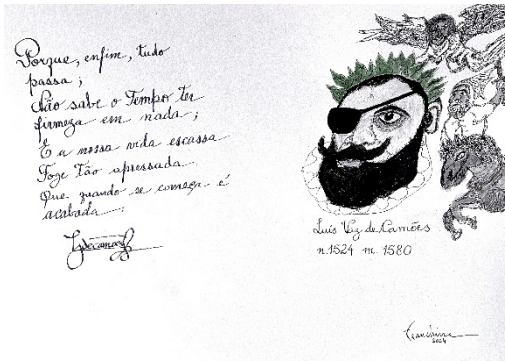
Eis as imagens das legendas camonianas ou a escrita camoniana legendada pelas imagens, como se queira; importa sim a consciência da interação e completude das linguagens na forma aglutinadora como formatam a mensagem tendente à perpetuação do poeta.

Afonso Pinhão Ferreira, Do Carmo Vieira, Filipe Rodrigues, Humberto Nelson, Isabel Alves, Nuno Ferreira e Susana Bravo leram atentamente passos de *Os Lusíadas*, deles fazendo o seu ponto de partida e de chegada; Carlos Silva, Evelina Oliveira, Francisco Simões, Hélder Carvalho e Jorge Marinho preferiram o soneto do “doce estilo novo”; António Franchini opta pela obra de influência greco-latina; José Emídio não esquece como tudo começou deixando-se seduzir pela medida velha ao sabor das redondilhas. Todos, sem exceção, dão conta da imensa proporção do maior autor de Língua Portuguesa. Percorro, por ordem alfabética, textos e paratextos.

Afonso Pinhão Ferreira, em *Camões a salvar a língua* (escultura em bronze, 140x50x35, 2024) plastifica um hino à língua portuguesa; a lenda presentifica-se quer na visível proteção das sereias, Vênus por metonímia, quer no esforço salvífico do manuscrito, claro manifesto da pureza e da dimensão da portugalidade; o vate não está só antes coadjuvado pela parafernália mítica sugerida pelo texto linguístico; o artista persegue a ordenação estética dos elementos fantásticos expressando a sua força em termos simbólicos. Trata-se de uma narrativa alegórica, herança greco-romana, aqui garante da identidade cultural, de que Hieronymus Bosch (1450-1516) e Sandro Botticelli (1455-1510) foram expoentes máximos.

|                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>Sustentava contra ele Vênus bela,<br/>Afeiçoada à gente Lusitana,<br/>Por quantas qualidades via nela<br/>Da antiga tão amada sua romana;<br/>Nos fortes corações, na grande estrela,<br/>Que mostraram na terra tingitana,<br/>E na língua, na qual quando imagina,<br/>Com pouca corrupção crê que é a latina.</p> <p>(I, XXXIII)</p> <p>(...)</p> <p>Este receberá, plácido e brando,<br/>No seu regaço o Canto que molhado<br/>Vêm do naufrágio triste e miserando,<br/>Dos procelosos baixos escapados,<br/>Das fomes, dos perigos grandes, quando<br/>Será o injusto mando executado<br/>Naquele cuja Lira sonora<br/>Será mais afamada que ditosa</p> <p>(X, CXXVII)</p> <p>(Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, pp. 17 e 341)</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

A *Ode XIII* inspirou António Franchini (desenho s/t, caneta, grafite s/ papel Canson 300g/m2, 29,7X42, 2024) na aproximação ao tema clássico da relatividade e da fugacidade da vida, preconizado por Zenão (sec. V, a.C.) e Horácio (sec. I, a. C.), com ecos nos nossos Sá de Miranda (1481-1558) e Ricardo Reis (1913-1936) entre muitos outros. Camões toma a mesma preocupação / constatação e, em clima de aquiescência, olha a inevitabilidade da morte. O artista plástico, em jeito quase *naïf*, recupera a tipicidade dos motivos camonianos do retrato e, usando de uma caligrafia consentânea, acresecenta-lhe seres antropomórficos, num contraste claro / escuro, inscritos no domínio do fantástico. Lenda e realidade interagem no inexurável destino.

|                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>(...)</p> <p>Porque, enfim, tudo passa;<br/>não sabe o tempo ter firmeza em nada;<br/>e nossa vida escassa<br/>foge tão apressada<br/>que, quando se começa, é acabada.</p> <p>(...)</p> <p>Luís de Camões, <i>Lírica II</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 130.</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

*O dia em que nasci moura e pereça*, primeiro verso de um soneto de Camões e título da obra de Carlos Silva (acrílico sobre tela, 70X90, 2024), recupera, pelo figurativismo, todos os motivos com que Camões blasfema o dia do seu nascimento. Os elementos – água, ar, fogo e terra – em guerra encenam o terrífico e o maldito na configuração de um espaço fantasmagórico, a que a espuma branca do mar confere um movimento pressagiador de desgraças. O infortúnio de uma vida de tempestades e naufrágios, amores e desamores está vertido na capacidade policromática evocadora belo horrível. A (con)fusão das cores encerra o dramatismo de uma vida embarcada nas frágeis caravelas quinhentistas, que legou obra de monta.

|                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>O dia em que nasci moura e pereça,<br/>       Não o queira jamais o tempo dar;<br/>       Não torne mais ao mundo, e, se tornar,<br/>       Eclipse nesse passo o Sol padeça.</p> <p>A luz lhe falte, O Sol se lhe escureça,<br/>       Mostre o mundo sinais de se acabar,<br/>       Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,<br/>       A mãe ao próprio filho não conheça.</p> <p>As pessoas pasmadas, de ignorantes,<br/>       As lágrimas no rosto, a cor perdida,<br/>       Cuidem que o mundo já se destruiu.</p> <p>Ó gente temerosa, não te espantes,<br/>       Que este dia deitou ao Mundo a vida<br/>       Mais desgraçada que jamais se viu!</p> <p>Luís de Camões, <i>Lírica I</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 259.</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Do Carmo Vieira, há muito considerada exímia retratista, traz um *Luís de Camões* (pintura, acrílico e folha de ouro sobre lona, 158X132, 2024) convicto do que deve e a quem se deve. Partindo do retrato tradicional, encontra na folha de ouro a valorização do vate quinhentista que oferece os seus préstimos ao Rei para lutar e cantar os feitos gloriosos de um povo. Tal canto sobrepor-se-á aos de Horácio ou Vergílio porque eternizará o homem português, metonimicamente chamado “o peito ilustre Lusitano”, aqui vertido na Cruz da Ordem de Cristo, na coroa de louros, símbolo da vitória, na expressão confiante do retratado e na suavidade cromática que, conjugando o branco divino com o castanho térreo, se eleva pela nobreza do ouro ao domínio da espiritualidade.

|                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>Pera servir-vos, braço às armas feito,<br/>       Pera cantar-vos, mente às Musas dada;<br/>       Só me falece ser a vós aceito,<br/>       De quem virtude deve ser prezada.<br/>       Se me isto o Céu concede, e o vosso peito<br/>       Dina empresa tomar de ser cantada,<br/>       Como a pressaga mente vaticina<br/>       Olhando a vossa inclinação divina,<br/>       (X, CLV)</p> <p>Ou fazendo que, mais que a de Medusa,<br/>       A vista vossa tema o monte Atlante,<br/>       Ou rompendo nos campos de Ampelusa<br/>       Os muros de Marrocos e Trudante,<br/>       A minha já estimada e leda Musa<br/>       Fico que em todo o mundo de vós cante,<br/>       De sorte que Alexandro em vós se veja,<br/>       Sem à dita de Aquiles ter enveja.<br/>       (X, CLVI)</p> <p>Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 350</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Que o amor é um dos veios matriciais da poética camoniana prova-o também Evelina Oliveira em *Esse áspero desprezo com que olhais* (acrílico e pastel s/tela, 100X50, 2024). Materializando o retrato petrarquista da amada e as suas contradições, interpreta os traços hiperbólicos do texto linguístico, envolvendo o amador numa neblina que carrega a incerteza de sentimentos também insinuada no azul gélido da indiferença. Na senda aristotélica, demonstra que a ideia demanda a forma usando de um simbolismo figurativo.



Vossos olhos, Senhora, que competem  
Com o sol em beleza e claridade,  
Enchem os meus de tal suavidade,  
Que em lágrimas de vê-los se derretem.

Meus sentidos prostrados se submetem  
Assi cegos a tanta majestade;  
E da triste prisão, da escuridade,  
Cheios de medo, por fugir, remetem.

Porém se então me vedes por acerto,  
Esse áspero desprezo com que olhais  
Me torna a animar a alma enfraquecida.

Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto!  
Que dareis com um favor que vós não dais,  
Quando com hum desprezo me dais vida?

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 190.

Filipe Rodrigues, em *O Adamastor e os amores na ilha* (acrílico sobre tela, 70X100, 2024), opta por uma pintura narrativa que materializa o passado. Sob a figura canónica e tutelar de Camões, há uma história de tormentas e deleites. Os perigos da viagem, configurados num qualquer Adamastor, encontram, numa ilha de sensualidade e afetos, a sua panaceia. Planos mítico e humano imbricam-se num figurativismo alegórico que interpela e desafia o momento atual, questionando a condição humana e a sua história, de forma mais misteriosa do que dramática como sugerem as opções cromáticas.



Contar-te longamente as perigosas  
Coisas do mar, que os homens não entendem,  
(V,XVI)

Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esquelada,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má, e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.  
(V, XXXIX-XL)

Enfim, com mil deleites não vulgares,  
Os esperam as Ninfas amorosas,  
De amor feridas, para lhes entregarem  
Quanto delas os olhos cobiçarem.  
(IX, XLI)

Oh! Que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soava!  
Que afagos tão suaves, que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã e na sesta,  
Que Vénus com prazeres inflamava,  
Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.  
(IX, LXXXIII)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, pp. 159, 165, 288 e 301.

O rigor do soneto de matriz petrarquista, a frieza, a altivez, a crueza e a indiferença da mulher amada têm em *Esquiva* (Escultura ónix rosa da Turquia, 47X17X12, 2024) de Francisco Simões a sua materialização. Contradições e sofrimentos amorosos plasmam-se no frio da pedra de onde surge, imponente e imperturbável, o objeto de desejo num jogo de esconde-esconde em que a ausência de rosto nutre a expectativa de uma perfeição distante e ausente. A beleza física, dita perfeição, da amada opõe-se ao turbilhão dos atributos espirituais causadores de sofrimento. Esbelta, sublime, mas enigmática porque esquiva e imperturbável ainda mesmo que a opção pela cor rosa com várias tonalidades não oblitere estratégias de sedução.



Se, como em tudo o mais fostes perfeita,  
Fôreis de condição menos esquiua,  
Fora a minha fortuna mais altiva,  
Fora a sua altiveza mais sujeita;

Mas, quando a vida a vossos pés se deita,  
Porque não a aceitais, não quer que eu viva;  
Ela própria de si já a mim me priva;  
Que, porque me enjeitais, também me enjeita.

Se nisso contradiz vossa vontade,  
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim  
À minha profundíssima tristeza,

Pois ela não mo dá porque piedade  
Tenha deste meu mal, mas porque em mim  
Possais assim fartar vossa crueza.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 197.

Hélder Carvalho em *Luís Vaz de Camões* (arquivo histórico nº 33707: PT/MRP/LVC, caixa em madeira com enchimento de papelão e fitas de serradura, busto em gesso branco, 49X62X55, 2024) traz o poeta para a pós-modernidade numa instalação com diferentes e inovadores materiais onde repousa o busto canónico de Camões. Apelando à reciclagem num planeta ameaçado, de forma eclética e diversa, usa da arte conceptual para figurar a morte física / espiritual ocorrida naquela “triste e leda madrugada”. Catarina de Ataíde, Dinamene, Bárbara, pouco importa. O fâcies desalentado do poeta, descansando em materiais menos nobres, insinua, num tom hiperbólico e antitético, a dimensão do sofrimento.



Aquela triste e leda madrugada,  
Cheia toda de mágoa e de piedade,  
Enquanto houver no mundo saudade  
Quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
Saía, dando ao mundo claridade,  
Viu apartar-se de uma outra vontade,  
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,  
Que de uns e de outros olhos derivadas,  
Juntando-se, formaram e largo rio.

Ela ouviu as palavras magoadas  
Que puderam tornar o fogo frio,  
E dar descanso às almas condenadas.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 167.

Parece-me haver duas preocupações evidentes em *Luís de Camões* (gesso a partir de molde respigado e grãos de café, 16X9X11/X3, 2024) de Humberto Nelson que correspondem ao estudo, à experiência e ao engenho que Camões reivindica para si próprio. A multiplicação de pequenos bustos e os grãos aromatizantes de café reclamam a universalidade e a atualidade do poeta sugerindo a longa viagem em que bordejou costas africanas. Apelando aos sentidos, sobretudo à vista e ao olfato, o artista descobre uma preocupação ecológica ao utilizar material biodegradável e, numa linha pós-colonialista, na senda de *Orientalismo* de Edward Said, reabilita valores da africanidade.

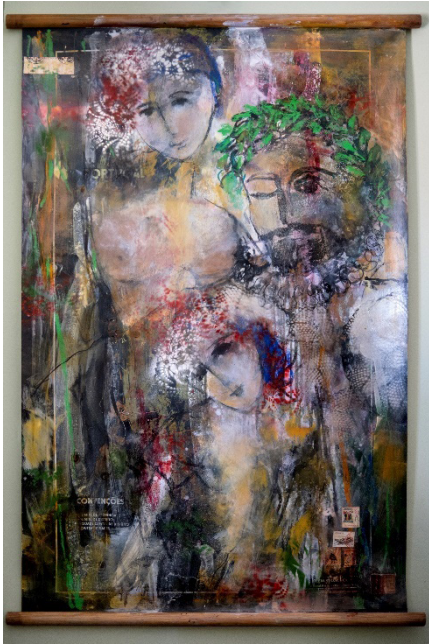


Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,  
De vós não conhecido nem sonhado?  
Da boca dos pequenos sei, contudo,  
Que o louvor sai às vezes acabado.  
Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiência misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se acham raramente.

(X, CLIV)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 350

Em *EVós, Tágides Minhas* (técnica mista, colagem, s/napa, 120X80, 2024), de Isabel Alves, há uma matriz mítico-alegórica, conducente a uma imagística simbólica, que é dada por uma pessoalíssima linguagem a que se associa uma convicta expressão pessoal. Sendo a mulher um dos motivos recorrentes, da artista, a sua relação com a Invocação de *Os Lusíadas* projeta-a numa dimensão mítica. Viagem da memória através dos tempos e dos sonhos presentificada em ténues desfigurações a que a diversidade cromática impõe a força de uma crença. Camões sempre presente, envolto no verde da esperança que, sabemos hoje, foi bem ouvido e atendido pelas ninfas do Tejo.



E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mim um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mim vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandiloquo e corrente,  
Por que de vossas águas, Febo ordene  
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no Universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

(I, IV-V)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p.10.

A conflitualidade é marca distintiva de *O canto do cisne* (mista s/tela, 100X80, 2024) de Jorge Marinho. Dada pelo vermelho sangue, que cobre o cisne e parte do menino cupido, insinua a morte de um sonho, de forma quase perturbadora, pelo contraste estabelecido com as restantes cores usadas. Na tela dividida, há amores e desamores, dores carentes de panaceias, a tragédia humana dos desencontros que nem a ironia alivia. Afinal, toda uma simbólica de afetos em traços impressionistas, num processo narrativo indiciador de morte. Canto porque vou morrer, ou canto porque o amor me mata? A resposta é, felizmente, inconclusiva. A morte, não.



O cisne, quando sente ser chegada  
A hora que põe termo a sua vida,  
Harmonia maior, com voz sentida,  
Levanta pela praia inabitada.

Deseja lograr vida prolongada  
E dela está chorando a despedida;  
Com grande saudade da partida,  
Celebra o triste fim desta jornada.

Assim, Senhora minha, quando via  
O triste fim que davam meus amores,  
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave acento de harmonia  
Descantei pelos vossos desfavores  
*La vuestra falsa fé, y el amor mio.*

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV  
Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 211.

A simplicidade, ingenuidade e frescura da donzela portuguesa que outrora protagonizava a poesia trovadoresca são agora recuperadas num vilancete de Camões e em Leanor (acrílico s/tela, 150X160, 2024) de José Emídio. Rituais do quotidiano implicam um revivalismo dado pelo traço simbolista do artista que, mesmo assim, não escamoteia pormenores do texto linguístico como a bilha e o tímido toque escarlata. Ao fundo, verdes e azuis contornam a figura feminina na expressão correta de um mundo idílico, sempre em movimento; augura-se o desequilíbrio insinuado na beleza hiperbólica conferida a Leanor. Camões alertou, José Emídio corroborou a ideia estética da insegurança. A beleza, essa, é desmedida.



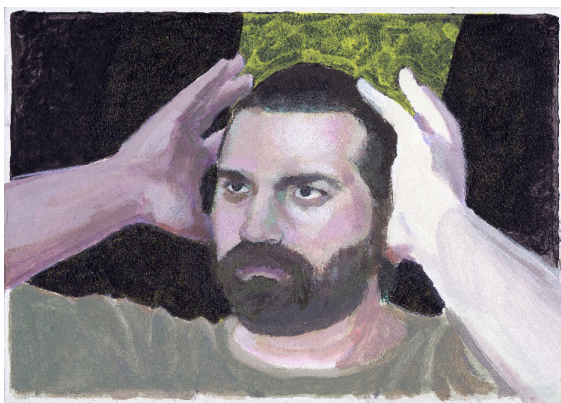
Mote  
*Descalça vai para a fonte*  
*Leonor pela verdura;*  
*Vai formosa, e não segura.*

Voltas  
 Leva na cabeça o pote,  
 O testo nas mãos de prata,  
 Cinta de fina escarlata,  
 Sainho de chamalote;  
 Traz a vasquinha de cote,  
 Mais branca que a neve pura.  
 Vai formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,  
 Cabelos de ouro entrançado  
 Fita de cor de encarnado,  
 Tão linda que o mundo espanta;  
 Chove nela graça tanta,  
 Que dá graça à formosura.  
 Vai formosa, e não segura.

Luís de Camões, *Lírica I*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p.122.

Nuno Ferreira, em *Marte* (acrílico em MDF e pinho, 14,8X21X2, 2024) recupera o tom ameaçador do apaixonado de Vénus na intransigente defesa dos portugueses. O retrato mítico-alegórico expressa orgulho, estatuto e segurança na capacidade persuasiva; a captura da intimidade é envolvida num tenebrismo à Caravaggio; os traços, esses, insinuam um realismo comprometido com a causa. Corta a dureza e a intransigência da figura humana a “viseira do elmo de diamante” recentrando-a no plano mitológico.



Mas Marte, que da Deusa sustentava  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De entre os Deuses em pé se levantava:  
(Merencório no gesto parecia),  
O forte escudo, ao colo pendurado,  
Deitando para trás, medonho e irado,

A viseira do elmo de diamante  
Alevantando um pouco, mui seguro,  
Por dar seu parecer se pôs diante  
De Júpter, armado, forte e duro:

(...)

(I, XXXVI-XXXVII)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa  
do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo,  
1980, p. 20.

Perseguindo uma outra forma de dizer Pedro, Susana Bravo em *O nome que no peito escrito tinhas* (técnica mista s/tela, 100x100, 2024) mostra que as pausas líricas, enquanto comunhão de sentimentos humanos, valem tanto quanto a narrativa épica em *Os Lusíadas*. Tomando o, local e globalmente, célebre e celebrado, episódio de Inês de Castro dá conta dos infelizes amores que ainda hoje comovem as pedras das calçadas da Coimbra de antanho. Dois mundos cortados pelo verde de uma aparente esperança a que se irá sobrepor a tragédia sugerida nos apontamentos rúbidos. Toda uma simbologia idílica conducente à morte. Naufrágios de afetos em barcos de papel no mar da vida.



Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledó e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

(III, CXX)

Luís de Camões, *Os Lusíadas*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta. Lisboa: Verbo, 1980, p. 112.

Destarte, aqui chegada, poderei afirmar que alguns destes trabalhos e respetivos autores se distanciaram do Modernismo de Greenberg e, abraçando a *Land Art* ou a *Pop Art*, exploraram a arte para além das técnicas tradicionais numa diversidade de meios, sentidos e contextos pós-modernos. Outros, não se alheando da pós-modernidade optaram por legados de continuidade, sobretudo na seleção dos materiais e das técnicas, mas também dos motivos, usando a arte como mensagem e não desdenhando a *Arte Conceptual*, o *Neofigurativismo* ou o *Neoexpressionismo*. Esta pluralidade conduz ao revivalismo da arte expressa em novas e renovadas configurações. Não há regras nem limites que a restrinjam. É uma espécie do saudável “vale tudo” que aqui e agora, na senda de George Dickie e da *Teoria Institucional da Arte*, sabe traduzir emoções individuais e coletivas em torno de uma figura ímpar da cultura portuguesa evocadora da história de um povo.

Para Camões, que nunca “perderá seu preço e sua valia” (Camões 1980: I: 182) também tudo valeu daí a sua atualidade. Que o vate de *Os Lusíadas* possa prescindir de nós, é consensual, mas que nós tenhamos o dever / prazer de o convocar para o século XXI e de alardear, junto dos mais distraídos, tudo quanto fez pela Pátria e pela Língua Portuguesa, é uma obrigação.

Estes trabalhos refletem-no, refletindo, concomitantemente, que as artes estão ao serviço umas das outras com as suas semelhança e diferenças, ainda que mantenham capacidades idiossincráticas na perseguição de um objetivo único. Porque “quem não sabe arte, não na estima” (Camões 1980: I: 181)

---

**Referências**

18

CAMÕES, Luís.. **Obras Completas**. Edição Comemorativa do IV Centenário da Morte do Poeta, IV vols. Lisboa: Verbo, 1980.

RIO NOVO, Isabel. (2024). **Fortuna, caso tempo e sorte**. Porto: Contraponto, 2024.

SILVA, Vitor Aguiar e (coord.). **Dicionário de Luís de Camões**. Lisboa: Editorial Caminho, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. **O Mito Camoniano**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2012.

Submetido: 01/07/2024

Aceito: 27/08/2024

